

TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TDIC) NA VISÃO DOS DOCENTES E ALUNOS DE UMA INSTITUIÇÃO FEDERAL DE EDUCAÇÃO BRASILEIRA.

Gabriella de Lima Araújo¹; Onar Jandacet Sampaio Martins ²; Ellem Steffani Silva Vasconcelos; ³Paula Andréa de Oliveira e Silva Rezende⁴; Nedia Maria de Oliveira⁵

1 Gabriela de Lima Araújo, Bolsista IFMG, Curso Técnico em Informática, IFMG Campus Ribeirão das Neves, Ribeirão das Neves - MG; g.gabrielladelima@gmail.com

2 Onar Jandacet Sampaio Martins, Bolsista IFMG, Curso Tecnologia em Processos Gerenciais, IFMG Campus Ribeirão das Neves, Ribeirão das Neves MG; Martins.onar@gmail.com

3 Ellem Steffani Silva Vasconcelos, bolsista voluntário IFMG, Bacharelado em Administração, IFMG Campus Ribeirão das Neves, Ribeirão das Neves MG; ellembless@hotmail.com

4 Paula Andréa de Oliveira e Silva Rezende, Professora Orientadora – Pesquisador IFMG, Campus Ribeirão das Neves, Ribeirão das Neves, MG; Paula.rezende@ifmg.edu.br

5 Nedia Maria de Oliveira, professora colaboradora – Pesquisadora PUCMinas Campus Coração Eucarístico, Belo Horizonte, MG; nedia@conecta.com.br

RESUMO

As tecnologias digitais de comunicação e informação (TDIC) fazem parte do cotidiano das pessoas na pós modernidade e a proposta para a pesquisa partiu da problemática de que existiam causas/fatores que propiciam a não adesão das pessoas a Educação a Distância (EaD), mediada pelas TDIC e que seriam determinantes na representação acerca dessa modalidade de ensino no Brasil, mais especificamente em uma instituição de ensino superior federal que durante a pandemia do COVID 19 optou por não utilizar a educação a distância em suas atividades escolares no início da crise sanitária. A metodologia de pesquisa proposta foi qualitativa complementada pela quantitativa e os objetivos, compreender os fundamentos que propiciam ou não a adesão das pessoas à EaD e embasam a resistência ou não dos pesquisados a EaD, propor alternativas para suprimir as resistências encontradas e suas causas e fortalecer a EaD na instituição pesquisada e se esses fatores podiam ser transformados por meio de novas experiências. A hipótese era de que essas causas são fundamentais na criação de uma barreira com relação a experiências inovadoras de ensino e aprendizagem mediadas pelas TDIC. O estudo foi delimitado em uma instituição localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais, Brasil e a amostra foi composta por discentes e docentes. A coleta de dados e a análise destas foi assistida por computador e a análise dos resultados foram assistidas por computador. Constatou-se que há uma resistência por parte dos pesquisados no que se refere à EaD em função da formação acadêmica, das experiências educacionais, das dificuldades com a utilização das TDIC como ferramenta pedagógica e por considerarem a EaD cansativa, pouco prática e difícil.

Palavras-chave: Educação a distância. Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. Representações Sociais. Docente.

INTRODUÇÃO:

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) são ferramentas utilizadas no cotidiano das pessoas na elaboração de suas atividades diárias. Elas envolvem inúmeros aspectos relacionados ao dia a dia desde transações financeiras, uso das redes sociais, para estudo, acesso à informação e inúmeros outros usos.

A sociedade evoluiu. Essa mudança de rotina proporcionou uma mudança de comportamento social e que deveria impactar o trabalho e a educação de forma mais ampla e sem volta. A educação necessita avançar para acompanhar a evolução social. Na atualidade, e principalmente no momento de crise sanitária mundial, com a pandemia do COVID 19, novas rotinas foram estabelecidas no Brasil, dentre as quais o home office e a educação online para fazer frente a necessidade de distanciamento social durante a quarentena.

Segundo Silva e Claro (2007, p.83), educação online é “O conjunto de ações de ensino e aprendizagem que são desenvolvidas através de meios telemáticos, como a internet, a especificidade da educação online encontra-se no fato de utilizar tecnologias que permitem novas formas de interação tanto com conteúdos (*sic*) informativos quanto entre as pessoas”.

No Brasil a educação a distância (EaD) não é relativamente nova, mas vem se desenvolvendo como uma virtualização do ensino presencial. Esta afirmação é confirmada por Moraes (1996, p.59) “a EaD, apesar de ser uma forma inovadora, detém traços da ciência positivista que influencia a sociedade há mais de três

séculos, baseada no conhecimento objetivo, na observação e na lógica matemática que exige memorização, repetição, cópia, e que dá ênfase ao conteúdo, ao resultado e ao produto”.

Essa constatação sobre a EaD é complementada por Christensen e Eyring (2014): “O formato das salas de aula, o estilo e as matérias mantêm-se todos incrivelmente fiéis aos seus ancestrais de um século de idade” (p.12).

Repete-se na educação a distância os métodos e técnicas da educação presencial, não há cursos de aperfeiçoamento em metodologias educacionais em ambientes online, além de ser imputado ao professor uma carga excessiva de trabalho em função da quantidade de alunos matriculados por turma e das exigências de atividades que demandam muito tempo em planejamento, aplicação e correção.

Marinho e Rezende (2014, p. 26-27) constatam que na EaD os assentos virtuais, tornam-se praticamente ilimitados. [...] Em uma escola de tijolos, pela limitação espacial, 100 estudantes significam duas turmas. Isso exige contar com dois professores ou dobrar o número de aulas semanais de um único, de toda forma duplicando o custo de recursos humanos com a disciplina”.

Mill, Santiago e Viana (2008), (citado por Silva, 2018, p. 96) sustentam que

é possível constatar que existe por trás de um discurso de comodidade pelo trabalho realizado fora do ambiente institucional, uma pseudo-flexibilidade, concernente ao local de trabalho, ao tempo e horário de trabalho, bem como a demanda de tarefas e obrigações, reforçando a precarização do trabalho docente em detrimento da majoração da exploração capitalista.

Com os alunos não é diferente, pois participam de muitas disciplinas simultaneamente, o que eleva de forma exponencial as atividades discentes além do antagonismo que se instala pela repetição inadequada das técnicas e metodologias de ensino e aprendizagem utilizadas na educação presencial.

Marinho e Rezende (2014, p. 20) afirmam que “apesar do reconhecimento do papel da EaD no contexto educacional, ainda há o problema do preconceito em relação a esta modalidade de ensino no Brasil, que é sabiamente conhecido, possivelmente em grande parte decorrente de uma resistência por conta do seu caráter inovador”.

Nesse contexto o que se percebe é uma resistência das pessoas frente as novas demandas impostas pela crise, principalmente no ambiente escolar, onde há uma resistência a implantação do home office (ou trabalho remoto) e de atividades a distância para a educação (ensino e aprendizagem) nos níveis técnico e superior de uma instituição de ensino federal de educação brasileira. Por isso pergunta-se:

Quais são as causas/fatores que propiciam a não adesão das pessoas a Educação a Distância (EaD), mediada pelas TDIC e que são determinantes na representação acerca dessa modalidade de ensino no Brasil? O *Iócus* foi uma instituição de ensino superior federal que no início da pandemia do COVID 19 optou por não utilizar a educação a distância em suas atividades escolares.

O tema é relevante em função da enorme resistência encontrada na implantação da educação à distância, mais especificamente ao que chamamos de educação online, onde as metodologias e técnicas são diferentes daquelas utilizadas na educação presencial e devem ser inovadoras sob o ponto de vista das metodologias com o uso das TDIC como ferramentas educacionais. Essa resistência ao longo do tempo vem acarretando uma dificuldade em implantar novas práticas de ensino e utilizar as TDIC no ambiente escolar.

O tema da pesquisa possui uma magnitude em função da expansão da EaD no país e da necessidade de a educação acompanhar o desenvolvimento social, econômico e tecnológico, além de expandir o envolvimento da instituição pesquisada nas demandas da sociedade na qual está inserida cumprindo sua missão educacional de propiciar a melhoria da qualidade das pessoas por intermédio de uma educação inovadora e integral.

Na busca da quebra da resistência dos pesquisados à EaD na instituição, a pesquisa visa contribuir com a formação dos participantes na pesquisa (alunos/docentes/servidores) ampliando os conhecimentos acadêmicos e profissionais, assim como, contribuindo para uma educação cidadã.

Ao legalizar a EaD, a instituição além de cumprir sua missão educacional, realiza seu papel social de levar o ensino/educação às comunidades onde está presente contribuindo para a inclusão de um maior número de pessoas à escola e dessa forma incentivar o desenvolvimento social, econômico, tecnológico e cultural da sociedade, além da sustentabilidade dos recursos ambientais ao reduzir a emissão de gás carbônico na atmosfera (menor número de pessoas utilizando meios de transporte para se locomover); redução da utilização de papel, tinta, dentre outros coadjuvando com diminuição da utilização de recursos naturais como a celulose, derivados de petróleo, carvão, solvente, produtos químicos, como formaldeído, enxofre, sílica utilizados no desenvolvimento de tintas para impressoras e que são descartados no meio ambiente, assim como óleos e carbono

METODOLOGIA:

A metodologia de pesquisa utilizada foi qualitativa complementada por quantitativa utilizando como técnica para coleta de dados um questionário online. O universo de pesquisa é composto pelos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia do Brasil e a amostra foi composta por alunos e docentes de um campus localizado na região metropolitana de Belo Horizonte, MG, Brasil. A principal técnica de pesquisa utilizada foi um questionário online para embasar quantitativamente a vivência dos participantes com relação ao uso das tecnologias (aplicado a todos os envolvidos – docentes e discentes). Os principais dados coletados nesta técnica consistiram em: a) Dados para mapear os pesquisados como gênero, faixa etária, renda familiar, formação acadêmica e profissional, área de atuação e cargo, tempo de atuação no magistério (tempo de estudo para os discentes); b) Informações para mapear a utilização das TDIC no cotidiano como aparelhos tecnológicos que os pesquisados possuem (tipo/finalidade de uso), acesso à internet e sua finalidade, uso das redes sociais, experiência com a EaD (tipo/finalidade) e, c) expressões que definiam ou não a EaD para compreender se havia ou não resistência à EaD de forma mais ampla como: formação para o uso das TDIC no cotidiano, dificuldades e facilidades que se apresentam no uso cotidiano das TDIC; se possui experiência com a EaD (como foi essa experiência/prós e contras); visão que possui da EaD (como usuário/como atuante).

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Foram respondidos 121 (cento e vinte e um) questionários completos e dois incompletos que para a análise foram desconsiderados. A coleta de dados foi encerrada em 05 de março de 2021.

O questionário conta com 10 (dez) páginas e um total de 41 (quarenta e uma) perguntas. Foi disponibilizado inicialmente um “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” com as opções de “concordo” e “discordo” para os respondentes de forma que somente responderam ao questionário os pesquisados que concordaram com o termo.

No total, responderam ao questionário 52 (cinquenta e duas) pessoas do sexo feminino e 69 (sessenta e nove) pessoas do sexo masculino, que corresponde respectivamente a 42,97% e 57,03%.

Dentre os respondentes, a maior faixa etária está entre 17 e 19 anos com 33 (trinta e três) pesquisados, em segundo lugar estão os participantes na faixa etária entre 30 e 39 anos com 26 (vinte e seis), o que corresponde a 27,27% e 21,48% respectivamente.

A cor autodeclarada foi distribuída da seguinte forma: a) 41,32% dos pesquisados se autodeclararam brancos; b) 36,36% se consideram pardos; c) 19% se consideram negros ou pretos; d) 0,8% se consideram amarelos e 2,52% não responderam ou não se autodeclararam.

A renda familiar predominante se encontra entre 1 e 3 salários-mínimos com 62 (sessenta e dois) respondentes, o que corresponde a 51,24%. Ao analisar esta renda familiar predominante constata-se que 60,66% são do sexo masculino e 39,34% são femininos.

As demais faixas de renda familiar são distribuídas da seguinte maneira: 19,83% possuem renda entre 4 e 6 salários-mínimos, 15,70% entre 7 e 10 salários mínimos, 8,26% acima de 10 salários mínimos e 4,97% recebem até 1 salário mínimo.

Quando analisadas as faixas de renda distribuídas por sexo, constata-se que na maior faixa (acima de 10 salários mínimos), 70% equivale ao sexo masculino e 30% ao feminino. Nas faixas intermediárias, entre 4 e 6 salários-mínimos 50% são do sexo masculino e 50% do sexo feminino, entre 7 e 10 salários mínimos, 68,42% são do sexo masculino e 31,58% do sexo feminino. Dos respondentes que recebem até 1 salário-mínimo, 100% são mulheres

Pode-se confirmar que no público pesquisado, o sexo masculino possui renda superior ao sexo feminino, enquanto na menor faixa de renda, o predomínio é do sexo feminino confirmando a tendência da pesquisa sobre Estatísticas de Gênero, 2018 (IBGE).

De todos os respondentes, 84,3% são discentes e apenas 15,7% são docentes. Dentre os docentes, 11,1% possuem apenas pós-graduação, 38,9% possuem mestrado e 50% possuem doutorado.

Dentre os docentes, 33,3% passaram por algum tipo de orientação para utilizar as TDIC'S e destes, 66,7% possuem experiências anteriores com a EaD. Além disso, apenas 27,78% possui algum curso específico na área de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação.

Grande parte dos docentes, 50%, atua há pelo menos 16 anos no magistério.

101 (cento e um) respondentes foram discentes distribuídos nos cursos técnicos, superiores e de pós-graduação do campus analisado e 18 (dezoito) docentes. 50% (cinquenta por cento) dos docentes possuem doutorado. Um terço dos docentes responderam que obtiveram durante a sua formação orientação para a EaD enquanto dois terços afirmaram não terem recebido nenhuma orientação para uso pedagógico das TDIC durante sua formação. Um terço dos docentes atua entre 16 e 20 anos no magistério e apenas 3 (três) docentes possuem menos de três anos de atuação na instituição pesquisada. Um dado que chama a atenção é que 95,8% (noventa e cinco vírgula oito por cento) dos participantes da pesquisa possuem aparelho celular

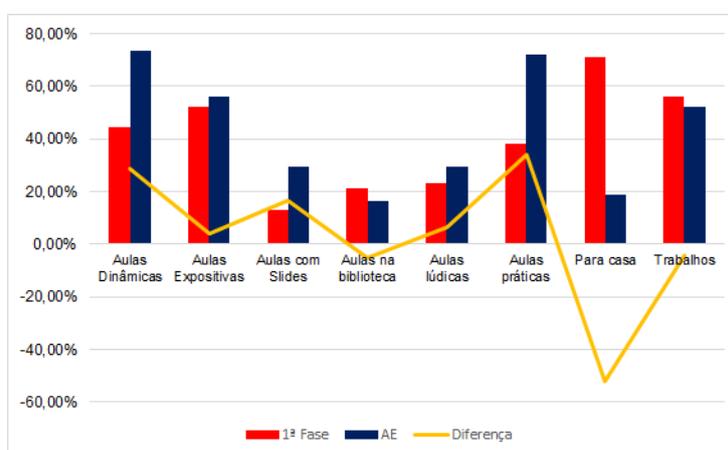
e não há entre os respondentes aquele que não possui nenhum aparato tecnológico digital de comunicação. Em média 90% (noventa por cento) dos respondentes utilizam os aparelhos digitais para estudo e trabalho e 100 % (cem por cento) dos respondentes possuem acesso à internet.

Análise e discussão dos resultados coletados

Com relação a pergunta sobre experiências anteriores com a EaD, 61,9% responderam não possuir experiências com a EaD anteriormente à pandemia, enquanto 32,2% responderam sim e 5,9% não responderam. Portanto, pode-se supor que a não experiência com a EaD pode ser um dos fatores de resistência a sua implantação.

Foi feito aos pesquisados uma pergunta sobre as preferências de atividades escolares com respostas induzidas e com possibilidades de assinalar mais de uma alternativa. O Gráfico 1 apresenta a comparação entre as atividades de aula mais utilizadas pelos professores na 1ª fase da educação escolar (infantil ao final do fundamental) e as preferências nas atividades escolares atuais e a diferença em pontos percentuais.

Gráfico 1 - Comparação entre as preferências de atividades escolares da 1ª fase de vida escolar e a atual.



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Observa-se que em algumas atividades escolares utilizadas pelos professores na 1ª fase escolar e as atividades preferidas na atualidade, algumas dessas aumentaram quantitativamente como aulas dinâmicas com 28,87 p.p. e aulas práticas com 33,88 p.p. As demais atividades sofreram aumentos menores que 10 p.p.

Chamam a atenção, algumas atividades utilizadas pelos professores na 1ª fase e que na atualidade sofreram uma grande queda como “Para casa” que reduziram 52,07 p.p. Essas respostas nos levam a acreditar que as atividades com aumento tiveram um significado relevante para os pesquisados, enquanto a atividade que sofreu queda drástica demonstra uma possibilidade de rejeição por parte dos participantes da pesquisa.

Constata-se que o conhecimento particular de cada pesquisado está presente nas suas crenças e comportamento confirmando a afirmação de que “a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos.” (MOSCOVICI, 1978, p.26)

Aos pesquisados foi solicitado que atribuíssem uma nota de 1 (insuficiente) à 5 (ótimo) para alguns aspectos da EaD com o objetivo de compreender o significado da EaD na vida de cada um. As respostas coletadas se encontram na Tabela 1 com 7,44% de abstenção.

Tabela 1 - Contribuições da EaD no processo de ensino e aprendizagem na vida de cada participante.

Sobre a EaD	Ótimo (5)	Muito Bom (4)	Bom (3)	Suficiente (2)	Insuficiente (1)	SR	soma
Cotribui para o processo de ensino e aprendizagem	13,22%	19,01%	25,62%	22,31%	12,40%	7,44%	100,00%
Oferece mais recursos para a aprendizagem	22,31%	18,18%	27,27%	12,40%	12,40%	7,44%	100,00%
Exige maior disciplina dos envolvidos	53,72%	22,31%	10,74%	3,31%	2,48%	7,44%	100,00%
Demonstra maior comprometimento dos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem	54,55%	18,18%	10,74%	4,13%	4,96%	7,44%	100,00%
Requer do aluno proatividade nas atividades (síncronas e assíncronas)	58,68%	13,22%	14,88%	2,48%	3,31%	7,44%	100,00%
É um recurso potencial para alavancar a curva de aprendizagem do aluno	13,22%	9,92%	20,66%	24,79%	23,97%	7,44%	100,00%
Possibilita maior comunicação entre o aluno e o professor	9,09%	6,61%	19,83%	11,57%	45,45%	7,44%	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Observa-se que no que tange a contribuição da EaD para o processo de ensino e aprendizagem 25,62% atribuem o conceito de “Bom”, enquanto 22,31% atribuem “suficiente”, 13,22% consideram “ótimo” e 12,40%, “insuficiente”.

Esta atribuição pode estar relacionada com a vivência dos pesquisados no ambiente virtual, pois o aprendizado se dá em função dos estilos de aprendizagem de cada indivíduo. “Em poucas palavras, um estilo de aprendizagem representa um padrão comportamental (natural e individual) pelo qual uma pessoa possui maior facilidade para aprender” (VIEIRA JÚNIOR, 2018, p.1)

Pode-se inferir que há uma necessidade de que o processo ensino e aprendizagem na EaD seja melhor conhecido para quebrar a resistência dos participantes de que há pouca contribuição dessa modalidade de ensino no processo vivenciado pelos atores envolvidos correlacionando com a contribuição da EaD para o processo de ensino e aprendizagem com o estilo de aprendizagem de cada indivíduo.

Ao averiguar as demais opções dadas aos pesquisados, certifica-se que 53,72% das respostas coletadas apresentam a atribuição do conceito “ótimo” para a contribuição da EaD no que se refere a maior disciplina dos envolvidos. Observa-se também que 58,68% dos pesquisados consideram que nessa modalidade de ensino exige-se uma maior proatividade do aluno no que se refere às atividades síncronas e assíncronas. Se a EaD “foi concebida com a ideia de autonomia, em que a aprendizagem estaria centrada no sujeito aprendente, autônomo, capaz de gerir seu próprio processo de aprendizagem (BELLONI, 2008), então a disciplina dos envolvidos é um fator primordial para o atendimento aos objetivos propostos na educação.

Os pesquisados declaram em 27,27% é “bom” no que concerne a oferta de mais recursos para aprendizagem enquanto 22,31% consideram “ótimo” seguido de 18,18% que relatam como “muito bom”. Neste quesito vale ressaltar que na EaD “o uso das novas tecnologias pode contribuir para novas práticas pedagógicas desde que seja baseado em novas concepções de conhecimento, de aluno, de professor transformando uma série de elementos que compõem o processo ensino-aprendizagem”. (REZENDE, 2002, p.2).

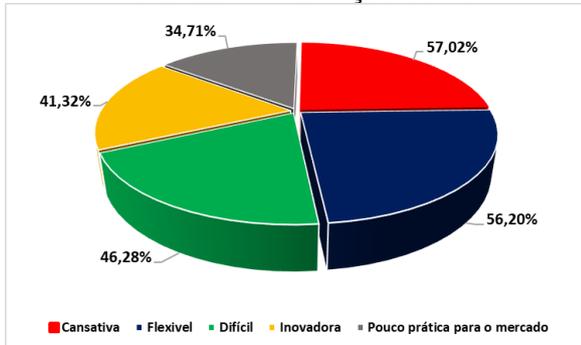
Confirma-se, portanto, a urgência em transformar as práticas pedagógicas com o uso das TIC de forma a usufruir de todos os recursos tecnológicos, midiáticos e digitais disponíveis na atualidade e no cotidiano das pessoas para que a EaD possa efetivamente oferecer mais recursos e ferramentas pedagógicas que auxiliem a educação na sociedade do conhecimento.

Ressalta que no item sobre a EaD como um recurso potencial para alavancar a curva de aprendizagem do aluno, ou seja, o aluno aprender mais em menos tempo, os resultados demonstram que 24,79% consideram “suficiente”, 23,97% consideram “insuficiente” e 20,66% acreditam ser “bom”. No que diz respeito a comunicação entre os atores envolvidos na EaD 45,45% consideram a comunicação “insuficiente” enquanto 19,83% acham “bom”.

Portanto pode confirmar que não há entre os pesquisados uma crença de que a EaD possa alavancar a curva de aprendizagem do aluno e que a comunicação é insuficiente no processo de ensino e aprendizagem demonstrando que ainda são subutilizados os recursos e ferramentas disponíveis no ambiente online e que propiciam uma comunicação de qualidade e uma alavancagem na curva de aprendizado dos alunos. Este aspecto apresenta a necessidade de pesquisar a EaD como um potencial recurso de educação na atualidade.

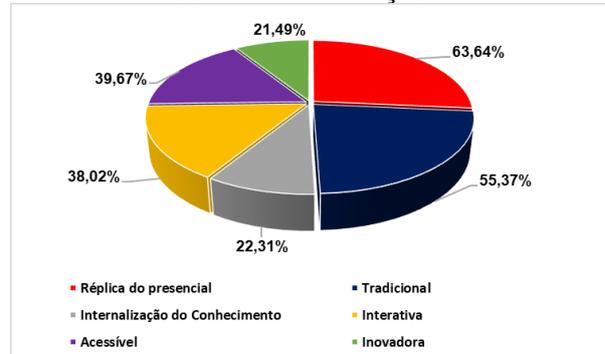
Foi solicitado aos pesquisados que marcassem até três expressões que representassem para eles o que “definiria a EaD” e os resultados constam no Gráfico 2. Esta alternativa deu a cada participante a opção de marcar até 03 respostas, motivo pelo qual a totalidade ultrapassa 100%.

Gráfico 2 – Definição de EaD



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Gráfico 3 – Não definição de EaD



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

As respostas encontradas nas expressões dos pesquisados sobre EaD corroboram com as análises das questões anteriores, pois para 57,02% a EaD é “cansativa”, para 56,20% a EaD é “flexível”, para 46,28% é “difícil”, para 41,32% é “inovadora” e para 34,71% “pouco prática para o mercado”. Estas afirmativas comprovam as representações dos pesquisados acerca da EaD e estão em consonância com a resistência encontrada na implantação da EaD em função da pandemia, visto que há uma ênfase nas respostas para as expressões “difícil, cansativa e pouco prática para o mercado” contrapondo as expressões “inovadora e flexível”. 33,3% dos docentes que possuem mais de 16 anos de atuação no magistério acreditam que a EaD é cansativa.

Para contrapor a definição de EaD expressada pelos participantes, foi solicitado a eles que marcassem até três expressões que eles “não definiriam a EaD”. O resultado está apresentado no Gráfico 3.

Evidencia-se no resultado da coleta de dados que 63,64% dos participantes não definem a EaD como “replica do presencial”, 55,37% dos pesquisados não definem a EaD como tradicional, 39,67% como “acessível”, 38,02% como “interativa”, 22,31% como possibilidade de “internalização do conhecimento” e 21,49% como “inovadora”.

Os resultados obtidos permitem visualizar e fazer algumas considerações acerca do problema de pesquisa e que estão apresentadas nas conclusões.

CONCLUSÕES:

A pesquisa teve por objetivo geral compreender os fundamentos que propiciam a não adesão das pessoas à EaD e embasam a resistência ou não dos pesquisados a EaD.

Concluiu-se que existe uma resistência por parte do grupo pesquisado no que se refere a EaD, mas que não é provocada pela falta de experiência com a modalidade. Há uma visão geral dos participantes de que essa modalidade de ensino pouco contribui para o processo de ensino e aprendizagem, crença esta que pode estar relacionada às experiências anteriores com a EaD. Os pesquisados também não reconhecem que a educação a distância oferece maior recursos para o processo de ensino e aprendizagem. Esta consideração pode estar relacionada a ausência de conhecimento sobre o uso das TDIC como uma ferramenta potencial para alavancar o processo educacional, fato este que demonstra a urgência em transformar a prática escolar para o uso das TDIC melhorando a comunicação entre as partes envolvidas no processo de ensino e aprendizagem e potencializando o aumento da curva de aprendizagem do aluno. Há uma forte convicção entre o grupo pesquisado de que a EaD é difícil, cansativa, pouco prática, pouco interativa e inovadora e de difícil acessibilidade. O ponto positivo é que a maioria dos pesquisados não define a EaD como réplica do presencial, tradicional. Constata-se a premência em quebrar os paradigmas sobre a EaD e provocar a construção de novas representações sociais junto as pessoas que compõem a comunidade escolar e propor ações de fortalecimento dessa modalidade de ensino junto a instituição pesquisada. Algumas limitações foram encontradas no decorrer na pesquisa como o baixo número de respondentes, o não alcance da fase de entrevistas devido ao distanciamento social em função da pandemia.

Por fim, considera-se alcançado o objetivo geral da pesquisa e sugere-se elaborar novas pesquisas que permitam aprofundar o tema TDIC e seu papel na EaD, assim como as tecnologias digitais como ferramenta pedagógica e a necessidade de formação das pessoas envolvidas para atuar na EaD.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ASSMAN, Hugo. *Reencantar a educação: Rumo a sociedade aprendente*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância**. 5 ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

CHRISTENSEN, Clayton M. Eyring, Henry J. **A Universidade Inovadora: mudando o DNA do ensino superior de fora para dentro**. Porto Alegre: Bookman, 2012.

IBGE. **Estatísticas de Gênero: Indicadores Sociais das Mulheres no Brasil**, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).) <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-03/ibge-mulheres-ganham-menos-que-homens-mesmo-sendo-maioria-com-ensino-superior>

KENSKI, Vani. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas, SP: Papyrus, 2008

MARINHO, Simão Pedro Pinto; REZENDE, Paula Andréa de Oliveira e Silva. Disciplinas Virtuais nos Cursos de graduação, a busca por uma sustentabilidade pedagógica. **EDUCAÇÃO & LINGUAGEM**, v. 17, p. 17, 2014.

MILL, Daniel . A universidade aberta do Brasil. In: LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Marcos (Org.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012. v. 2, p. 280-291.[E-Book]

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente: implicações na formação do professor e nas práticas pedagógicas**. Em Aberto, Brasília, ano 16, n. 70, abr.jun.1996.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1978.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003. 404 p.

REZENDE, Flávia. As novas tecnologias na prática pedagógica sob a perspectiva construtivista. **Revista Ensaio-Pesquisa em educação e ciências**. v.2, n.1, março 2002. Disponível em: <<http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/ensaio/article/view/13/45>>. Acesso em: 10 maio 2020.

SILVA, Marco; CLARO, Tatiana. **A docência online e a pedagogia da transmissão**. B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof., Rio de Janeiro, v. 33, n.2, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://www.senac.br/BTS/332/artigo-7.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2020.

VIEIRA JÚNIOR, Niltom. **Metodologias de Ensino e Aprendizagem**. Apostila da Pós-graduação em Docência do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Minas Gerais. Arcos, 2018.